

Dianteira isenta Lula de cobranças

As campanhas de José Serra e Ciro Gomes dão sinais, ainda tênues, de que perceberam o óbvio: Luiz Inácio Lula da Silva também é candidato à Presidência da República e, se o objetivo de ambos é conquistar uma vaga para disputar com ele a final, o pré-requisito essencial é o de que haja segundo turno da eleição.

E do jeito que a coisa vai nessa briga, cuja origem remete a feridas tão antigas quanto profundas e incuráveis, José Serra e Ciro Gomes correm o risco de enveredar pelo perigoso terreno da guerra de extermínio, da qual não sobram sobreviventes para contar como foi a história.

Duas intocáveis figuras da República começaram um embate retórico de trocas de insultos e terminaram dois anos depois sem os respectivos mandatos de senadores.

Não obstante a dificuldade aritmética de a eleição se resolver no primeiro turno – na hipótese de nenhum candidato renunciar, bem entendido –, pode acontecer quase isso mesmo havendo nova rodada em 27 de outubro.

A depender da força das pancadas, Serra ou Ciro podem chegar ao segundo turno vivos, mas de braços, pernas e pescoços quebrados. Combalidos, não serão páreo para este Lula, que mais parece um boa-praça em pleno exercício da política de boa vizinhança, do que alguém que necessita estabelecer desde já compromissos a serem resgatados caso chegue ao posto de chefe da Nação.

Isento de questionamentos por uma espécie de acordo tácito não escrito por ninguém, mas por todos obedecido, Lula transita pela campanha eleitoral como se fosse assim uma espécie de entidade acima do bem e do mal, de contas acertadas com o passado, presente e futuro.

Dele nada se cobra, como se não estivesse em primeiro lugar nas pesquisas e não fosse, portanto, o mais provável sucessor de Fernando Henrique Cardoso.

Aliás, já age como tal: distribui e recebe tantas fidalguias que parece ter passado por um curso de imersão com Fernando Henrique sobre a arte de fazer amigos e influenciar pessoas. Absorveu até o caçoete de dizer a cada público exatamente o que ele quer ouvir, sempre com aquele ar de que o poder não pesa. Ao contrário, revigora.

Não resta dúvida de que esse novo figurino é infinitamente mais agradável que o adotado em eleições anteriores. Mas, exatamente por ser inédito, é que cumpre examinar se o conteúdo corresponde à boa forma.

Além do valor do bom humor, Lula aprendeu outras lições com o governo em curso. Graças a Pedro Malan e suas cobranças em relação ao plebiscito da dívida externa, o PT se mantém longe da performática consulta popular sobre a Alca a ser realizada em 7 de setembro.

Aprendeu também que brigar contra estabilidade, controle de gastos e cumprimento de contratos equivale a negar valor à luz elétrica e à água encanada.

Urge, no entanto, que confirme compromisso primordial com a democracia, eixo do qual não se afastaram José Sarney e Fernando Henrique Cardoso. Trata-se de uma cobrança pertinente não porque Lula admire figuras como Fidel Castro e Hugo Chávez. Gosto não se discute.

Já os repetidos elogios aos governos militares que o candidato do PT tem feito requerem um detalhamento à luz da concepção do que, para ele, sejam valores prioritários numa sociedade. Nesta semana, voltou a ressaltar os feitos administrativos dos militares, ressaltando apenas seus “defeitos de visão política”.

Se qualquer um dos outros candidatos desenvolvesse tal raciocínio, seria chamado às falas. O mínimo que se lembraria é que não houve “defeitos”, mas atos deliberados de uma ditadura que torturou, matou e usurpou os direitos e garantias dos brasileiros.

Os generais promoveram o crescimento, implantaram o planejamento, mantiveram baixa a inflação, argumenta Lula. Abstraindo-se o fato de que a economia do País depois pagou o preço de tanto sucesso com a hiperinflação, digamos que o candidato do PT não tenha mentido.

Mas claudicou no sentido do equilíbrio entre êxito econômico e subtração das liberdades. Não há cotejo possível entre os dois valores. Augusto Pinochet modernizou o Chile, mas o fez sob uma ditadura, ao preço de vidas.

Aqui, as maravilhas deram-se sob o AI-5, que nada permitia: votar, criticar, discordar, reivindicar. Desenvolver era preciso e o contraditório atrapalhava. Talvez porque na época se dedicasse apenas à burocracia sindical, falta a Lula essa memória e a consciência de que certos fantasmas não se evocam nem por brincadeira.

Democracia não aceita meio-termo e ditadura não tem ressalva.

CCANDIDATO
É TRATADO
COMO SE
FOSSE UMA
ENTIDADE
ACIMA DO
BEM E DO MAL